

## MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO

Rua Barão do Rio Branco, 1811

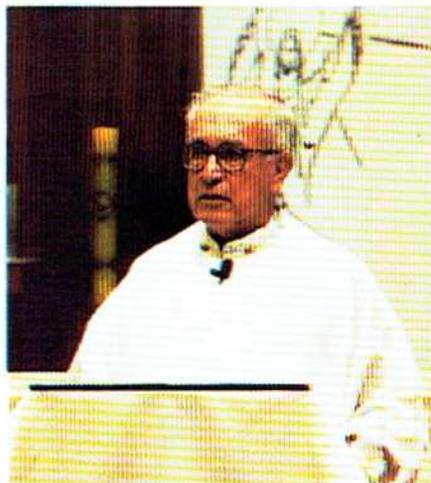
Campo Grande - MS - Brasil

### Pe. Antonio Secundino

Salesiano de Dom Bosco

☆ 02.02.1920

† 20.03.2005



Dezenove de março de 2005, dia de S. José. Neste dia, a comunidade do noviciado de Indápolis foi passear no sítio Maracanã do casal – Sr. Loemy Ferreira e Sra. Maria do Rosário Olegário Ferreira, muito amigo dos salesianos. A visita de todos os salesianos a esta fazenda tornou-se uma tradição e, neste dia, a comunidade, além de fazer o retiro, aproveitou para passar um tempo de descanso e passeio pela propriedade. Como era retiro, o confessor dos noviços, Pe. Antônio Secundino de Castro, estava presente como sempre acontecia. Participou ativamente de todas as atividades e do lazer dos noviços que aproveitaram do espaço, mergulharam na piscina, jogaram futebol e cartas.

Na hora da Santa Missa, Pe. Antônio extravasou na homilia os sentimentos de seu coração. Falou por mais de vinte minutos sobre sua devoção a S. José; contou histórias de seu tempo de jovem salesiano, da sua participação na Companhia

de S. José, das grandes festas que organizou homenageando seu padroeiro. Exaltou a figura de S. José e afirmou que gostaria de morrer no dia de S. José.

Parece que as suas preces foram atendidas. No final do dia, depois de alegre retorno para casa, o Pe. Antônio retirou-se após o jantar e, quando se preparava para encerrar o dia, foi chamado a comparecer em outra festa, a de seu padroeiro São José, no céu. No outro dia, foi encontrado morto em sua cama. Forte enfarte o levara. Ou como se pode supor, ao deitar-se, foi acometido pela insuficiência cardíaca e entregou sua alma a Deus depois de um dia glorioso como salesiano em que proclamara que desejaria morrer em um dia dezenove – Festa de seu padroeiro querido, S. José. E assim aconteceu.

Na noite do dia 19 para 20 de março do ano de 2005, aos 84 anos de idade, Pe. Antônio Secundino de Castro faleceu. Era o filho mais velho do casal Sr. Agnelo Secundino de Castro e Sra. Brígida Soares de Mello. Nasceu em Delfinópolis-MG, no dia 2 de fevereiro de 1920. Eram sete irmãos e três irmãs; destes um faleceu logo ao nascer, outro, o João Bosco, faleceu adulto e deixou esposa e filhos. Um terceiro irmão, Divino, morreu aos 15 anos de idade, com fama de ser um rapazinho muito santo e muito estimado por todos. Por fim faleceu também uma de suas irmãs, ex-freira, Sra. Edna, que se casou com um viúvo, Sr. Benedito Cândido, pai de dez filhos que com ela teve mais cinco. Sra. Edna foi uma supermãe.

Uma outra de suas irmãs é freira da congregação franciscana, da qual foi superiora e atualmente trabalha em S. Paulo. É uma exemplar seguidora do carisma de Santa Clara e Francisco de Assis.

Sua família, depois do falecimento do Sr. Agnelo, passou a girar ao redor de sua mãe, verdadeira matriarca em relação aos filhos, netos, bisnetos e a muitos outros filhos adotivos e “amadrinhados”. Na casa de Sra. Brígida nunca faltou a presença de uma grande quantidade de pessoas, de parentes e de vizinhos. Sra. Brígida era uma benzedeira muito procurada, respeitada e eficaz. De gênio forte e espontâneo não media as palavras em

suas intervenções corretivas para quem quer que fosse; porém era e sempre foi muito querida e amada. Centro de atenção por parte dos filhos, a mãe reunia-os aos domingos para conviverem e celebrarem a vida feita de muita alegria, brincadeiras e de muita oração. Era do "Apostolado da Oração" e de uma fé muito viva e concreta. Assim curou gerações de crianças e muitos adultos com suas orações e bênçãos. Educou seus filhos no temor de Deus, na postura ética, no trabalho – com seu exemplo, pois era uma excelente costureira – e na alegria. Ao redor dela não havia lugar para tristezas ou lamúrias, despachava tudo entregando-se a si mesma e as contrariedades da vida a Deus e continuava a levar uma vida alegre, sempre sorridente e muito trabalhadeira.

Com uma mãe de tal vigor, os filhos tornaram-se seus primeiros devotos e até hoje, nas reuniões de família, ela está presente pela maneira de se relacionar dos parentes e de se apresentarem todos com um peculiar espírito de vivacidade e alegria, mesmo que seja às custas de muitas brincadeiras e "pegadinhas"!

## **2 – Roteiro de sua formação e trajetória**

Pe. Antônio Secundino, das proximidades da cidade de Catalão, entrou em contato com os salesianos que mantinham a única escola ginasial no estado, no lugarejo intitulado Silvânia ou Bonfim. Ao lado do seminário diocesano de D. Emanuel Gomes de Oliveira, bispo de Goiânia, havia espaço para um colégio de internos e D. Emanuel queria os salesianos para levar avante esse projeto. Outros inspetores não aceitaram a oferta do bispo. Pe. Ernesto Carletti, pensando nas Missões, aceitou a proposta do Sr. Bispo de Goiânia e recebeu a propriedade de Silvânia onde os salesianos da inspetoria de Mato Grosso abriram a Escola Ginásial com internato. Sendo a única do estado, para lá se dirigiram todos os filhos das famílias mais célebres do Estado, em particular das cidades próximas, de Anápolis, de Corumbá, de Catalão, de Goiânia e de outras cidades do sul de Goiás. Os alunos eram identificados pelos sobrenomes de suas famílias, algumas muito célebres no estado como os Caiados, os Luduvicos, os Curados e outros que estiveram sempre presentes

nas oligarquias políticas no tempo da ditadura do Estado Novo e do governo de Getúlio Vargas.

Esse internato tornou-se vital para o ensino no Estado, pois tendo o ciclo ginásial completo, de cinco anos, preparava os alunos para ingressarem em qualquer instituição de ensino superior da época que, aliás, eram muito poucas no país. Corajosamente, os salesianos, capitaneados pelo saudoso Pe. João Pian e por muitos clérigos – entre eles, Pe. Ângelo Venturelli, Pe. Néelson Pombo, Pe. Raimundo Pombo, Pe. Mário Pansiera, Pe. Sersen – conseguiram um internato para mais de duzentos alunos, cujas idades variavam de dez a vinte anos. O internato de Silvânia instaurou, sob o comando do Pe. Pian, um mundo educativo eivado de toda a tradição salesiana, das histórias de D. Bosco e de muita piedade mariana. Por outro lado, esse mundo era animado por muita festa, academias, teatro e, sobretudo, por muitos passeios nas fazendas próximas do Rio dos Bois.

Para essa escola é que o adolescente Antônio Secundino foi enviado por seu pai quando decidiram que ele deveria estudar. Ao se inteirar da vida do colégio, a integração com o ritmo da casa foi rápida e ele se adaptou muito bem à vida que ali acontecia.

## **2.1 – A Vocação**

Durante esse período de estudo foi convidado pelo diretor, Pe. João Pian a participar do grupo de aspirantes que era constituído por alguns alunos internos que manifestavam desejo e aptidão para ser salesiano e que por esse motivo recebiam uma atenção especial do diretor e demais salesianos para que aprofundassem sua vocação em relação à vida religiosa salesiana. Dessa forma, Pe. Antônio decidiu sua vocação pela vida salesiana e logo aprendeu, pela convivência com os salesianos educadores, os traços mais incisivos do carisma salesiano. A vida dessa comunidade lhe serviu de matriz da vida salesiana até o tempo de noviciado. Essa vida de mais de duzentos internos na década de trinta numa região remota do Brasil fez com se alargassem as fronteiras de seu mundo, graças à presença de vários salesianos e clérigos de outras nacionalidades. Por meio deles a vida

européia se fazia presente pelos testemunhos e relatos da vida de cada um e pelos inúmeros episódios da vida de D. Bosco que continuamente lhe eram transmitidos pelas palestras, “boas-noites” e retiros mensais. Neste tempo cada relato da vida de D. Bosco era modelar para o comportamento e formação dos alunos: as dificuldades de D. Bosco para poder estudar, sua vida de sacrifício e trabalho, sua maneira de se comportar em relação aos colegas, sua luta para auxiliar os meninos abandonados de Turim a encontrar um lar, sua luta pela congregação, seus sonhos que ilustravam a vida do Oratório de Turim eram modelares também para os alunos de Silvânia. Além disso, a proximidade dos salesianos que conheceram a D. Bosco, a luta dos salesianos em prol das missões, o entusiasmo pelo esporte, a vida de trabalho e estudo, as festas animadas, as orações diárias e as santas missas, tudo povoava o cenário da vida do internato de Silvânia com processos educativos que ofereciam os valores salesianos para o alicerce de uma vida cidadã. Assim iniciou-se a formação do futuro salesiano Antônio Secundino. Cumpre afirmar que esse intenso mundo de sua pré-adolescência e adolescência ficou-lhe impresso na memória de tal maneira que lhe serviu educativamente para tantos relatos para outros jovens dos internatos pelos quais ele passou e onde foi educador consciente.

Foi neste tempo de colégio interno e aspirantado em Silvânia que ocorreu um fato que veio a decretar uma circunstância significativa em quase toda a sua vida. Existia entre os salesianos de Silvânia um sacerdote e professor Quintiliano Leopoldo e Silva, um bom professor e entendido também em eletricidade que tinha um gosto particular: cavalos. Havia na fazenda do colégio um garanhão de raça cujo tratador era o rapaz Antônio Secundino. Numa tarde, durante o recreio após o jantar, o rapaz Antônio Secundino de Castro tratou do cavalo, montou e saiu para o trote normal. Ao passar detrás do salão do teatro, num lugar meio escondido encontrou a turma dos “Caiados” que estavam querendo aplicar uma surra em um outro interno da cidade de Santa Cruz, sul de Goiás. Antônio Secundino jogou o cavalo em cima do grupo, dispersou os beligerantes e pediu para o Pedro Ferreira – este era o nome do

garoto que ia ser justificado pelos colegas da "gangue dos Caiados" – que pulasse na garupa. Salvou o menino de uma surra. A partir desse fato, os dois se tornaram grandes amigos; fizeram o noviciado em épocas diferentes, foram assistentes juntos no Colégio D. Bosco, estudaram Teologia juntos na Crocetta em Turim, juntos passaram férias em casas salesianas da França, trabalharam juntos em algumas ocasiões na mesma casa. Sempre foram amigos e assim se apresentavam com muita naturalidade na inspetoria, apesar das grandes diferenças de cada um. Mais tarde, quando o Pe. Pedro Ferreira instalou em Indápolis o CLC, Pe. Antônio passou a colaborar com palestras nos encontros, auxiliando no atendimento dos casais, afinal, sempre houve confiança e colaboração no trabalho muito eficaz de evangelização iniciado pelo Pe. Pedro Ferreira. Pe. Pedro faleceu há uns dez anos e deixou muita saudade.

## **2.2 – O noviciado em Cuiabá – O estudo da Filosofia**

O noviciado da inspetoria acontecia no antigo casarão do Seminário da Conceição, em Cuiabá, sendo mestre o pequenino Pe. Mário Blandino. Tempo de muito calor e de muita vitalidade na inspetoria. Alguns, no início da década de quarenta somente podiam fazer o noviciado depois do serviço militar. Assim aconteceu com o Pe. Antônio, com o Pe. Pedro Ferreira, com o Pe. Firmo Pinto Duarte e tantos outros. O noviciado deve ter transcorrido calmo e muito bem. Pe. Antônio quase nunca se referia ao noviciado, somente o colocou como referência para o serviço militar e para lembrar que o Pe. Pedro era noviço enquanto ele servia o exército. Dentro das normas e costumes daquele tempo, os noviços raramente podiam estar em contato com os outros salesianos.

No ano seguinte, 1942, estudou somente algumas disciplinas de Filosofia que foi completado no ano de 1946 em Lorena, antes de seguir para o estudo da teologia em Turim, na Crocetta. Porém, antes de seguir para Lorena para completar o estudo da filosofia, fez sua profissão perpétua em Campo Grande, depois de três anos e meio de Assistência.

Em seus dois primeiros anos de Assistência foi encarregado da divisão dos maiores no internato do Colégio D. Bosco de

Campo Grande. Neste tempo teve que se exercitar na educação de tantos jovens internos do interior do Estado que viam no internato uma grande possibilidade de estudo. Teve pulso para criar um bom clima salesiano de empenho, de formação e de responsabilidade; por outro lado, conquistou seus assistidos pelo empenho na organização de campeonatos, de passeios e de muitas festas que alegravam o ambiente e possibilitavam relações educativas em verdadeiro espírito de família. Sempre se orgulhou de sua atuação nestes tempos.

Seu último ano de assistência aconteceu no Colégio D. Bosco de Tupã, fundado em 1942. Como colégio novo, tinha um regime especial em relação à época: era uma escola mista, para garotos e garotas. Fato inédito, mas gerenciado com muito cuidado e carinho pelos salesianos que ali trabalharam e que marcou um período muito produtivo educativamente, deixando muitas saudades. Por fim, depois da profissão perpétua em Campo Grande, em 28/12/1946, seguiu para o Estudantado Salesiano de Lorena para terminar seu curso de Filosofia.

### **2.3 – Turim, o berço da congregação**

Uma das épocas mais faladas e celebradas de sua vida foram os quatro anos de teologia em Turim. Parece que aí aconteceu uma expansão dos horizontes da vida do Pe. Antônio. Vários fatores lhe proporcionaram uma visão mais vasta do mundo e da diversidade das culturas, além da proximidade com o berço da congregação salesiana. Cumpre destacar:

- Estar em Turim no governo do Pe. Ricaldone, imediatamente após guerra, proporcionou uma experiência mais concreta das fontes da congregação. Poder conviver com os superiores maiores, relacionar-se com eles e com os melhores professores da congregação foram as constantes que lhe ofereceram uma real visão do carisma salesiano enquanto solidez da direção da congregação.
- Estar onde viveu D. Bosco e conviver com a última geração dos salesianos que foram formados pelo próprio D. Bosco foram as fontes constantes da assertividade dos fatos.

- Estar em contato com os ensinamentos de D. Bosco, quer em documentos próximos e à mão, quer como interpretação dos valores da tradição educativa de D. Bosco.
- Um outro traço importante desse tempo foi a convivência com mais de cem estudantes de todas as partes do mundo onde a congregação estava implantada. Uma vez que os membros da inspetoria missionária eram de várias nacionalidades, a possibilidade de férias em outros países e em outras inspetorias da Itália foi um fato contundente para a sua formação. Passar vários meses inserido em outra cultura, em contato direto com jovens europeus foi mais forte que a convivência na Crocetta. Esses períodos de tempos de férias ampliaram a compreensão experiencial do mundo e da congregação para ele.
- Neste tempo vivenciou a força da condução da congregação, no imediato pós-guerra, por meio da forte personalidade de D. Ricaldone. Ao mesmo tempo, percebeu o grande desejo deste Reitor-Mor de modernizar e adaptar as modalidades da formação dos novos salesianos, tendo em vista atingir um grau de excelência como congregação em toda a Igreja. Certamente, isso revelou um justo empenho de D. Ricaldone perante o constante crescimento numérico dos salesianos na Europa e em todo o mundo. D. Ricaldone queria, segundo depoimentos do Pe. Antônio, sistematizar a formação e as expressões do carisma salesiano cujos documentos e comentários eram ainda incipientes. Decorrem daí os inúmeros documentos escritos sobre a vida salesiana por este Reitor-Mor.
- No decurso da vida de estudante, Pe. Antônio pôde deixar sobressair, dentro da cultura organizacional do estudantado, suas características de liderança e de criatividade. Por meio de seus relatos memoráveis, ao conquistar a presidência da Companhia de S. Luís, encontrou nesse cargo o caminho para tornar grandiosas as promoções na comunidade dessa companhia que, por tradição, abrigava os estudantes menos exemplares. Pe. Antônio conseguiu tornar muito grandiosas as festas e comemorações da vida dos estudantes em que esta companhia estivesse empenhada, envolveu a todos e até superiores

maiores com grandiosas academias e almoços especiais. Era a festa da alegria dos simples e espertos, dos astutos.

- Neste tempo encontrou campo para aprofundar seus temas preferidos em pesquisas e estudos. Dedicou-se com vontade aos estudos, não para ser um estudante exemplar ou para aparecer, mas para sua formação pessoal, para atender a seu desejo de aprofundar alguns temas. Tal fato lhe rendeu muito, pois foi para a área do direito eclesiástico, da Sagrada Escritura, da Teologia Sistemática e da historiografia que essa capacitação lhe valeu sobremaneira.

Quando terminou os estudos, aconteceu sua ordenação sacerdotal, em Turim, pelo Cardeal Fossati. Não se constituiu num grande momento além daquilo que era o esperado. Todos eram ordenados em grandes grupos e retornavam para seus países de origem. A festa da ordenação era intimamente vivenciada no aguardo do retorno para a primeira missa em alguma casa da inspetoria ou na igreja onde residiam os parentes. E assim aconteceu com Pe. Antônio. Logo após a ordenação, retornou para o Brasil, para rever os seus parentes e os salesianos da inspetoria.

## **2.4 – A volta ao Brasil**

Na pasta do Pe. Antônio existe uma foto enviada pelo pároco de Delfinópolis que retrata uma placa que há na igreja da cidade e que indica quantos sacerdotes surgiram de Delfinópolis. O primeiro nome é o do Pe. Antônio Secundino que, em 1951, ao retornar da Itália, lá esteve para a sua primeira missa. O atual pároco de Delfinópolis que muito conheceu o Pe. Antônio relata que, na ocasião da primeira missa, Pe. Antônio levou para uma jovem mãe de um garoto recém-nascido uma bênção especial que recebera do Papa Pio XII em sua última visita a Roma. Conta o pároco que o Pe. Antônio desconheceu em vida o resultado dessa bênção papal. Mas o pároco, Pe. Antônio Carlos Maia testemunhou que aquele garotinho recém-nascido, nos braços da mãe, recebeu a bênção e esta frutificou: hoje o garotinho é Frei Fernando Inácio Peixoto sacerdote franciscano e provincial dos Frades Franciscanos em Anápolis-GO. Esse relato chegou até a inspetoria quando

a notícia da morte do Pe. Antônio foi comunicada ao Pe. Antônio Carlos Maia, atual pároco de Delfinópolis.

### **3 - Início de sua vida sacerdotal e as casas por onde passou**

Após sua primeira missa, recebeu a obediência de voltar a trabalhar nos colégios. Assim o fez e iniciou um longo período de trabalho educativo nos vários colégios da inspetoria. Se não me engano, Pe. Antônio chegou em julho e logo iniciou seu trabalho não podendo visitar seus parentes. Nas férias de dezembro é que pôde ir rezar a primeira missa com festa para todos os parentes.

Nesta primeira metade do ano de 1951, ao trabalhar em Lucélia, pelas circunstâncias em que se encontrava o andamento do Colégio, preferiu ir para outro lugar e foi transferido para o Colégio D. Bosco de Campo Grande onde fora assistente dos maiores. Porém, aí permaneceu somente por um ano, sendo transferido para Tupã em 1953. Em Tupã vai permanecer quatro anos. Como conselheiro escolar, secretário e professor tinha grande influência no movimento do colégio, que era colégio comum para os externos e aspirantado para os internos. O antigo internato fora transformado em aspirantado e perante os quase cem aspirantes ele teve que adotar dois caminhos de animação: para os externos algumas atividades mais comuns e para os aspirantes um cuidado especial. Nos dois primeiros anos era diretor o Pe. Domingos Valero e depois o diretor foi o Pe. Heitor Castoldi. Pe. Domingos era muito mais afeito ao aspirantado e o Pe. Heitor Castoldi mais voltado ao externato. Pe. Heitor quis iniciar logo a construção da segunda etapa do prédio do Colégio e todas as forças voltaram-se para essa atividade. Neste tempo, o Pe. Antônio iniciou uma atividade vocacional em vários lugares e paralelamente uma animação dos cooperadores salesianos em todas as cidades mais próximas. Conseguiu expandir os cooperadores e manter lotado o aspirantado. Sempre esteve muito presente na vida do aspirantado em especial nos passeios e nas festas. Nos passeios de um dia inteiro, uma vez por mês, como mandava a tradição, a presença do Pe. Antônio era muito esperada e animadora pelas brincadeiras, jogos e aventuras. Ele

não perdia as partidas da seleção dos aspirantes contra algum time dos arredores, jogava na ponta direita e tinha um bom chute. Nos passeios, durante uma época, a diversão era uma famosa guerra de mamona, que se generalizou em todos os passeios, mas houve problemas com algum aspirante e o uso do "estilingue" foi proibido. A brincadeira acabou, passou-se às apostas desafiantes de ir correndo da cidade até a chácara do Colégio que distava 7 Km da cidade. Nos recreios, estava sempre rodeado por um grupo de aspirantes que, a seu lado, andavam de um lado para o outro ouvindo o relato de suas viagens pela Europa, suas espertezas no tempo da Assistência e, principalmente, difundia o bom exemplo e o espírito de família. Suas aulas de Português eram famosas pelas encenações dos textos e pelas maratonas de verbos regulares e irregulares. Nesta época até fez parte da orquestra de cordas tocando violão – ele que era muito desafinado e sem muito ritmo, mas estava lá animando a todos. Muito sério e disciplinador, não tolerava preguiça ou bagunça, havia castigos para os infratores. Foi muito estimado como professor. Nestes tempos fez cursos e adquiriu títulos oficiais de professor e secretário escolar.

Depois de quatro anos foi transferido novamente para o Colégio de Lucélia que era internato e externato. A partir dessa época, a sociedade e os setores produtivos de São Paulo estavam iniciando uma revolução que iria afetar a sociedade toda. Toda a região da Paulista tinha como fontes produtivas as lavouras de café, de algodão e de amendoim. Havia o sistema de "colônias" para o devido sustento dessas lavouras; cada fazenda tinha de cinquenta a oitenta famílias que as tornavam produtivas. Com a falência das lavouras de café, de algodão e de amendoim, todas as cidades foram afetadas. Se antes não havia pobreza ou favelas, com a imigração dos colonos para as cidades elas começaram a surgir bem como uma nova visão social e uma evolução na agricultura. Acabam-se as grandes lavouras de café, houve esse abandono do meio rural por parte dos trabalhadores das colônias; surgiram as lavouras mecanizadas e o império da cana-de-açúcar na região toda. Os colégios

também foram afetados e passaram por uma transformação. No ano em que o Pe. Antônio esteve em Lucélia, o colégio funcionou muito bem e ele pôde exercer as mesmas atividades que tinha em Tupã: secretário escolar, professor e conselheiro do internato e externato.

Mas, no fim do ano, foi novamente transferido para o Colégio de Araçatuba. Nestes anos, o colégio que exercia uma liderança incontestada na inspetoria era o Colégio D. Henrique de Lins. O que era feito em Lins tornava-se padrão para os outros colégios da inspetoria toda. O Colégio de Araçatuba estava iniciando sua trajetória. A própria cidade era bem menos importante que as outras da região, mas o colégio mantinha suas atividades normais e tinha como meta terminar a construção do prédio da Av. Cussy de Almeida. Neste colégio Pe. Antônio foi secretário, conselheiro escolar, professor e por fim ecônomo; juntamente com o Pe. Pedro Ferreira lutou para terminar a construção do prédio da Av. Cussy de Almeida e adquirir todos os lotes que compõem o terreno do pátio atual. Não foi um trabalho fácil, mas ao sair de lá, as metas estavam concretizadas, o pátio do colégio aumentara consideravelmente e o prédio adquiriu, com o revestimento de "gressite", o visual que tem hoje. Deixou muitos amigos ao ser transferido de Araçatuba.

Foi designado como conselheiro escolar, secretário e professor para o Colégio D. Bosco de Tupã.

Essa passagem de dois anos no colégio de Tupã revestiu-se de alguns traços particulares. Antes de tudo a comunidade anterior não trabalhara honestamente e a decadência da escola era evidente – o inspetor da época transferiu todos os salesianos. Iniciou pacientemente seu trabalho na tentativa de restabelecer a credibilidade da presença salesiana: seriedade e honestidade nos estudos e na administração, espírito salesiano e muita atenção aos pais e alunos. Para animar o colégio engendrou um processo de condução de envolvimento e condução da animação pelos estudos, de tal forma que o colégio conseguiu se restabelecer em um ano. Porém, ele era o mentor e condutor do processo. Realizou o que a pedagogia atual afirma ser um "Cooperate Group Learning"

– Grupo de aprendizagem cooperativa. Envolveu a todos e o aproveitamento escolar e entusiasmo contaminaram a todos; restituindo a credibilidade ao processo educativo salesiano.

Considera-se que esses dois anos foram o coroamento destes quatorze anos de trabalhos nos colégios salesianos da inspetoria; inventou esse processo vitorioso e conseguiu um verdadeiro milagre em Tupã; apagou da memória os tempos ruins do passado e abriu um novo horizonte para a metodologia do estudo e do bom êxito dos alunos nos estudos. O prejuízo foi que era ele o único capaz de conduzir o processo de estudo, de sustentar as novas posturas e estruturas relacionais entre alunos e professores a quem ele conferia uma autonomia jamais pressentida, mas com resultados evidentes. Pe. Antônio Secundino antecipou em muitos anos a implantação de processos que hoje são estudados e assumidos como ideais. Sua falha foi não partilhar ou não ter encontrado alguém que fosse capaz de gerenciar o processo. Para ele foi uma vitória muito grande e uma certeza pedagógica de suas experiências educativas e pedagógicas que foi intuindo ao longo desses quatorze anos.

Em Tupã encerrou-se uma etapa da vida do Pe. Antônio, o tempo de trabalho em colégios, pois no fim do ano de 1966, foi transferido para o Instituto Teológico Pio XI – Lapa/SP. Uma nova etapa de sua vida se iniciava, sem grandes expectativas, pois estava em outra inspetoria com modalidades diferentes de processos relacionais, mas enfrentou a situação como um grande desafio; uma vez que ele não tinha nenhuma experiência na área, a não ser ter estudado Teologia em Turim, na Crocetta.

#### **4 – Professor de Teologia no Instituto Teológico Pio XI**

Inesperadamente o Pe. Antônio se vê em outra área de atuação. Não recua nem se enche de temor, simplesmente vai exercitar um de seus gostos: estudar. Assim ele enfrenta a nova atividade, ser professor de teologia. Permaneceu na Lapa por mais de quatro anos.

Sempre o Instituto Pio XI representou um lugar quase inatingível pelo distanciamento dos salesianos comuns e pelo cuidado com que os professores salesianos eram escolhidos e

preparados. Tinham que ter feito alguma especialização apropriada e contar com o apoio da cúpula da inspetoria de S. Paulo. Pe. Antônio tinha somente o requisito de ter estudado na Crocetta e muita vontade de estudar. Como o estudantado dependia da inspetoria de S. Paulo, ele se ateve, como membro de outra inspetoria, como simples professor dos tratados sobre a Revelação e o de Eclesiologia. Mas teve papel preponderante na convivência com os mais de setenta estudantes das inspetorias que deviam estar e morar nesta comunidade. Estudou muito, criou laços de amizade com os salesianos mais jovens e procurou dar o testemunho de seu empenho em ser bom religioso, em superar barreiras e sustentar-se numa comunidade com visão tão oposta e muitas vezes estreita em relação à formação. Integrou-se muito bem na comunidade, e ao estudar muito, parece até que estava se preparando para uma ulterior missão. Tornaram-se famosos neste tempo os parceiros do "truco" e as rodadas barulhentas do jogo a cada recreio após o jantar. Da mesma forma as partidas de futebol nos recreios, após o almoço, eram o ponto de encontro, pois quem não jogava compunha uma torcida muito ativa e finória. Destes tempos saíram jogadores famosos como: Olívio Poffo, Pe. Benito, Marinoni, André Santidrian, Pe. Secundino e o mais famoso de todos, o Rosalvino Vignaió. Foram tempos gloriosos ao menos como animação salesiana de uma vida de estudantes de teologia. Tantas e tantas festas e situações especiais ilustraram o companheirismo, o espírito de confiança e a familiaridade da vida salesiana, provocando a alegria de ter estado ali e vivido experiências simples e intensas de alegria e empenho formativo. Houve muitas dificuldades oriundas das orientações díspares na condução da casa e nas relações com os estudantes, mas ele sempre estava lá, diariamente, convivendo alegremente com todos e contando suas anedotas nem sempre publicáveis.

Conclui essa etapa, como a anterior, enriquecendo a sua vida salesiana sacerdotal pela lealdade de empenho no que fazia. Deixou o estudantado quando eleito para o Capítulo Geral Especial.

## **4.1 – Eleito como representante dos irmãos para o Capítulo Geral Especial**

Um dos bons resultados deste período na Lapa foi sua escolha para delegado inspetorial para acompanhar o Inspetor, pe. Geraldo Pompeu de Campos, ao Capítulo Geral Especial. Tratava-se de estudar a adaptação das Constituições da Congregação às novas orientações do Concílio Vaticano II.

Segundo seus depoimentos, foi uma de suas experiências mais intensas ter tido a oportunidade de participar do estudo e da renovação das constituições da Congregação. Conviveu com muitos salesianos que foram significativos para esse tempo na congregação e pessoalmente contribuiu com sua experiência e estudos nas comissões das quais participou. Sempre se manifestou com alegria por esse feito do qual extraiu fontes de reordenação do modo de repensar o carisma salesiano. Passou a focalizar a vida religiosa mais para o aprofundamento pessoal que para a manutenção das estruturas, mais para o desenvolvimento do espírito salesiano e para o conjunto de valores do carisma que para a insistência nas tradições religiosas e educativas do tempo de D. Bosco. Valeu também seu convívio com tantos irmãos de países da África e da Ásia para se constatar a capacidade de inculturação do Espírito Salesiano. Sem dúvida foi uma experiência memorável que lhe alimentou as novas linhas de seu modo de pensar e de compreender o mundo.

Ao retornar para o Brasil, não mais terá papéis ou incumbências semelhantes às de seu tempo de neo-sacerdote; as tendências culturais mostravam outras necessidades e a vida religiosa, pautada em Medellín e Puebla, indicava outros caminhos e modalidades de se comprometer com o desenvolvimento social.

## **4.2 – Atividades diversas e novas perspectivas.**

Ao retornar para o Brasil é designado encarregado da Obra salesiana em Lins. Tratava-se de incentivar o incipiente desenvolvimento do ensino superior das faculdades iniciadas anteriormente. Com ampla liberdade em seu agir, procura criar e desenvolver a

infra-estrutura necessária para os cursos de Fisioterapia, Terapia Ocupacional e Educação Física. Ao mesmo tempo, impõe seriedade nos estudos dos outros cursos. As faculdades de Lins ganham projeção e consolidação com a sua presença. Foram cinco anos de trabalho e dedicação – de 1971 a 1975 – neste mister de desenvolver o ensino superior. Sem muito recurso, lança mão de todas as possibilidades para que a infra-estrutura fosse digna de dar consistência à idéia de um ensino forte e de competência.

Em 1976 é convidado a tomar conta da Obra Social Paulo VI, a dar aulas no curso de Teologia do Regional e a ser o pároco da Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora.

Neste período – de 1976 a 1985 – sua presença na cidade de Campo Grande teve um crescimento muito significativo, pois além de ser encarregado e pároco no Paulo VI, lecionou no curso de Teologia e iniciou sua especialização em Direito Canônico para culminar como presidente do Tribunal Eclesiástico Regional. Dessa forma contribuiu com a igreja local em nome da congregação, conseguindo promover a colaboração dos leigos no trabalho do Tribunal e em outras atividades eclesiais.

Participou de cursos de Direito Canônico em várias partes do Brasil e em Roma; com esse aprofundamento pôde muito bem liderar as ações das igrejas do Regional e auxiliar aos Srs. Bispos da região com um serviço bastante técnico. Nem sempre foi reconhecido por tais méritos por uma falta de costume entre os salesianos de verem no Direito um caminho também para servir à Igreja. Da mesma forma, como os salesianos inicialmente tomaram conta da formação dos seminaristas menores em Campo Grande e Cuiabá, Pe. Antônio contribuiu para a consolidação da Igreja em seu aspecto pastoral, jurídico e na formação do clero. Não tenho certeza se ele também foi diretor, nesta época, do Instituto de Teologia (Regional), sucedendo outro salesiano, Pe. Felix Zavataro.

### **4.3 – Faculdade Unidas Católicas de Mato Grosso**

As faculdades salesianas iniciaram suas atividades em Campo Grande em 1962. Na década de oitenta tomaram impulso

e iniciaram um tempo de expansão. Em 1986 Pe. Antônio foi convidado a ser o diretor da Faculdade de Filosofia que abrangia todas as licenciaturas. Existiam outras faculdades, como a de Serviço Social e a de Direito. Cada faculdade tinha seu diretor e havia um Diretor Geral que coordenava a atividade e o funcionamento de todas. Neste tempo as faculdades todas tinham mais de três mil alunos e prometiam um crescimento mais rápido. Prevalciam as licenciaturas como base, depois surgiu o Direito. Neste cargo Pe. Antônio permaneceu por um ano.

No ano de 1987 ele foi convidado a ser o Diretor Geral da FUCMT. Permaneceu aí um ano. Existiam salesianos que não queriam ver sua maneira de solucionar os problemas vingar na direção e permaneceu somente um ano neste cargo. As divergências provinham de muitas raízes e não eram tão simples de serem contornadas e ele foi convidado a ser o diretor do Centro de Pastoral Juvenil na Inspeção e a continuar com suas atividades de professor nas faculdades, na Teologia. Assim ele permaneceu por dois anos, 1988 e 1989.

Em 1990 foi convidado para dirigir as faculdades de Araçatuba. Também lá permaneceu somente por um ano. Essa faculdade estava muito estagnada se comparada aos dias de hoje e assim permaneceu até 1995, quando alguns salesianos tiveram outras iniciativas e o ensino superior não mais parou de crescer nessa obra. Hoje são onze cursos, com uma população estudantil de mais de quatro mil alunos. É verdade que a cidade cresceu muito também nos anos noventa.

No ano seguinte foi convidado a ser diretor da casa inspetorial e secretário inspetorial. Com esse convite inicia-se uma outra fase de sua vida, encerrando o tempo de sua dedicação às paróquias e ao ensino superior.

#### **4.4 – Nova fase de sua vida: conselheiro inspetorial e confessor dos noviços em Indápolis**

Praticamente depois de ter passado por tantas atividades e funções na inspeção, excetuada a de missionário entre os indígenas, Pe. Antônio coroou seu trabalho na inspeção ao ser convi-

dado para diretor da casa central e secretário da Inspetorial. Dessa forma em sua vida houve a possibilidade de estar em todos os níveis de animação e governo na inspetoria: assistente, professor primário-ginásial-colegial-universitário, secretário escolar, diretor de escola e diretor de obra social, diretor de comunidade, diretor de faculdade, diretor geral da FUCMT. Vale dizer que esteve em todos os níveis de atuação na inspetoria e a função de secretário inspetorial trouxe-o para o coração da inspetoria, pois seus conhecimentos e experiência estariam a serviço da direção central. Conhecedor da história da inspetoria e de quase todos os salesianos, esmerou-se nesse mister de relatar e arquivar as informações condizentes com a construção da história da inspetoria.

Neste posto permaneceu até 1994, pois no ano seguinte passou para sua última fase de atividades: confessor dos noviços e vigário paroquial. Neste período continuou com suas aulas nas casas de formação. Lecionava História da Igreja no Mato Grosso e História da Inspetoria. Tornou-se perito nesse campo e apresentou trabalhos nas reuniões da ACSSA internacional. Sua colaboração como historiador foi muito grande. Assim sua ausência neste campo deixou uma lacuna difícil de ser preenchida na formação dos noviços e pós-noviços. Sua atuação como confessor era exemplar no aconselhamento e direção espiritual; essa habilidade veio com seus estudos e reflexões bíblicas. De tal maneira se esmerou nesse mister que as equipes de casais de Nossa Senhora não abriam mão de sua presença, de suas palestras e de seu atendimento. Prestou um grande serviço à inspetoria nesta atividade em prol da formação dos noviços e pós-noviços.

Enquanto suas forças permitiram, ele se empenhou em levar avante suas tarefas com muita dedicação e competência. Auxiliou o Sr. Bispo de Dourados a implantar uma maneira de atender no campo jurídico eclesiástico as questões referentes ao Código de Direito Canônico. Deixou muitos apontamentos e fichas dos programas de suas aulas e de suas palestras para formandos e para os casais da região. Dessa forma concretizava o imperativo salesiano de trabalhar sempre de acordo com as próprias forças. Não era de relutar perante o trabalho ou perante

desafios; cada atividade era expressão da síntese de uma vida sempre empenhada em servir e refletir. Seu talento para a reflexão rendeu-lhe a maneira de ser e de se posicionar perante a vida, perante a congregação institucional e perante os irmãos.

## **5 – A pessoa e a personalidade**

Pe. Antônio atravessou a vida concretizando os seus dons em diferentes proporções conforme as etapas de sua história. Inteiramente integrado ao tempo e à cultura dos lugares onde vivia, aglutinou em si as melhores expressões de uma vitalidade saudável e resultante dessa integração. Em outras palavras, soube apropriar-se de valores e conhecimentos que se fizeram presentes paulatinamente em sua trajetória psíquica, intelectual e geográfica. Trouxe estampados em suas posturas e atitudes os valores familiares; uma saudável família mineira em que a tradição e o humor finório, bem como a educação e o bem querer se concretizaram na pessoa de sua estimada mãe.

Com uma saúde invejável, jamais se ouviu dizer que o Pe. Antônio tivesse passado por alguma doença ou mal que lhe deixasse seqüela ou atrapalhasse o seu vigor físico. Como qualquer jovem da época que estudasse interno tinha que se desenvolver mediante a prática dos esportes e de outras atividades físicas que favoreciam o desenvolvimento físico. Desde nadar a jogar futebol, a varrer o chão ou andar por trilhas, a participar de animadas partidas de outros esportes oferecidos no internato ou no noviciado, tudo lhe favoreceu o desenvolvimento físico muito saudável.

Da família incorporou a honestidade, a honra pela verdade e pela palavra dada. Neste particular afirmava com Taunay uma frase do livro *Inocência*: “O ferro quebra, mas a palavra do mineiro não quebra!”. Também de sua família adquiriu uma atitude muito simples e alegre perante a vida. A alegria e o espírito de brincadeira para ironizar as situações foram um de seus mais marcantes traços. Essa postura fê-lo encarar a vida com muita seriedade e valentia, ao mesmo tempo em que não podia perder a ocasião de suscitar o lado cômico e hilário de qualquer situação. Foi um de seus traços marcantes essa capacidade de enfrentar tudo com

muita seriedade e não perder a oportunidade de colocar alguém em uma situação cômica ou embaraçosa para uma gargalhada geral. Não perdia a oportunidade para tornar as relações e as ocasiões de encontros em momentos descontraídos e alegres.

Por outro lado, soube aproveitar de todas as atividades educativas para seu desenvolvimento relacional, valendo-se da representação teatral, das horas intermináveis de leituras e de aprendizado das diversas disciplinas escolares, das diárias horas de recreio ou intervalos, quando já no colégio interno. Aprendeu a se relacionar, estabelecer amizades sinceras, a ser fiel e coerente com os colegas, bem como de lhes estar ao lado nas dificuldades.

A vida de colégio e a convivência com vários salesianos ofereceram-lhe o desenvolvimento de um latente valor de criatividade perante qualquer situação. Desenvolveu esta habilidade em relação a seu ideal de educador. Sempre dentro dos parâmetros da disciplina da casa, soube ser criativo em tudo o que fazia, desde o modo de organizar uma secretaria, de inventar atividades para os alunos internos, de preparar as suas aulas, de não se deixar enganar por quem quer que seja, pela maneira de se posicionar perante o estudo, de promover a animação de qualquer tarefa ou atividade assumida.

A seriedade da vida quando relacionada com o estudo valeu-lhe uma constante atualização no acompanhamento da evolução da ciência e da cultura. Quis estar atualizado nos campos de sua atividade. Aliou a atualização à criatividade para lhe fortalecer a capacidade de estudar. Mas sempre foi um autodidata. Ou seguiu os ritmos de estudo dos tempos da escolástica ou das escolas que freqüentou. Acontece que participou de muitos cursos de habilitação e atualização, mas não teve a oportunidade do auxílio de uma disciplina formal acadêmica como parâmetro; fato que engrandece o mérito de seus estudos e de sua autodisciplina. Fez questão de apresentar-se perante os alunos com um muito bem preparado roteiro de suas disciplinas lecionadas. Da mesma forma pesquisou e sintetizou com competência as suas concepções de História da Igreja e da Inspeção. Suas apostilas nestas áreas mereceriam uma publicação.

Outra característica sua foi a de transformar as situações em desafios perante os quais mostrava-se um estrategista consciencioso. Da mesma forma apresentava seus roteiros educativos como desafios aos educandos. Parece que ante um desafio tornava-se estimulado e ágil nas estratégias e nos envolvimento; mergulhava-se de corpo e alma para levar avante o que lhe fora apresentado ou que ele transformara em desafio. Sentia-se envolto por uma força especial e uma totalização dos momentos que se lhe apresentaram como grandes desafios. Assim foi sua última etapa de vida e de atividades dedicadas ao setor universitário, ao Tribunal Eclesiástico e à convivência com as equipes de casais.

Essa característica proporcionou-lhe uma visão da vida muito ampla e profunda, fazia a síntese da história, de suas possibilidades ou da congregação atualmente e ansiava por perspectivas antevistas como se quisesse antecipar o futuro. Se por um lado os desafios lhe incutiam uma força especial, a serenidade e a autoconfiança garantiam-lhe um percurso sem altos e baixos, sem ansiedades exaltadas ou atitudes de aflição ou de descontrole, de desconfiança. Seu vigor e consistência psicológica jamais lhe permitiram atitudes fraquejantes. Dessa forma foi uma pessoa geradora de confiança e de consistência da vida para o ambiente em que vivia.

## **6 – Sua atuação e realizações na inspetoria**

Talvez o percurso geográfico da presença do Pe. Antônio Secundino auxilie a entender as suas atuações e trabalhos exercidos em sua vida na inspetoria. Assim foi aluno em Silvânia e Cuiabá – São Gonçalo e Seminário da Conceição – depois como assistente esteve nos colégios D. Bosco de Campo Grande, em Tupã, estudou em Lorena e em Turim, retornou para o colégio de Lucélia, Tupã, Lucélia, Araçatuba, Tupã, Lapa S. Paulo, Roma, Lins, Campo Grande: Paulo VI, Colégio D. Bosco e Casa Inspetorial, por fim Indápolis. Essa trajetória indica que sempre esteve vivendo e trabalhando no oeste paulista e em Campo Grande, com exceção dos anos em que esteve fora desse espaço, por três anos em São Paulo-Lapa e um ano em Roma para o

capítulo geral especial. Tal fato determinou também suas realizações na inspetoria.

Sempre esteve atento e obediente ao estipulado pela inspetoria, cumpriu com os designios da inspetoria evitando iniciar qualquer obra ou atividade que não estivesse dentro do âmbito inspetorial de atividades.

Soube ser professor e assistente muito competente onde esteve; atualizado e inventivo, capaz de levar os alunos a enfrentarem com entusiasmo os roteiros de aprendizagem como desafios a serem superados ou metas a serem alcançadas. Seus dotes pessoais aliaram-se à inventividade para ser um professor de sucesso. Destaca-se a sua passagem pelo colégio D. Bosco de Tupã, quando em estado de decadência moral e de ensino, transformou esse fato em desafio e aplicou o que hoje se chama de "Cooperative Group Learning" já na década de 1960, quando ninguém saberia nomear tal procedimento como técnica pedagógica e de aprendizagem. Seu tempo curto em Tupã foi um sucesso mesmo que não tenha havido quem tivesse tido a visão e a capacidade de levar avante o seu trabalho consolidado em dois anos de sua presença ali.

A essa atitude de professor e de assistente competente, Pe. Secundino foi conselheiro escolar e administrador nestes colégios. Como administrador nunca precisou de intervenções da inspetoria ou de auxílios financeiros extras. Soube tornar a obra auto-suficiente e capaz de se desenvolver ou auto-sustentar-se. Como Conselheiro escolar primou pela disciplina condizente com a época e pelas atividades de animação dos alunos. Atividades que revelavam suas capacidades de tornar o ambiente alegre, desafiador e descontraído. Amigo de professores, funcionários e alunos, não tinha dificuldade em promover um espírito de trabalho e consciência do dever cumprido. Primou pela lisura na justiça em tratar os alunos, professores e alunos. Não foi pessoa de camuflar as situações ou de aturar desaforos, mas sem descontroles. Nunca temeu confrontos, para os quais se preparava conscienciosamente para não ser, como bom filho de D. Bosco, pego por armadilhas ou surpresas, pedagógicas ou administrativas.

Todos os seus traços marcantes, geradores de atitudes, posturas e comportamentos profissionais tornaram-se a marca de sua presença onde esteve. Assim ele se portou no difícil ambiente da Lapa - São Paulo, acentuando sua capacidade de descontração perante atitudes infantilizantes; soube suportar as insinuações de ser muito próximo dos salesianos estudantes com uma postura digna e fiel a si mesmo e a seus princípios de liberdade interior e de não aceitação de qualquer postura manipuladora ou de alinhamento inconsistente. Neste tempo, tornou a vida co-munitária muito alegre e cheia de momentos de muita desconcentração. Soube também se mostrar muito exigente perante a responsabilidade da formação sacerdotal e religiosa dos salesianos estudantes.

A partir dessa época nunca mais retornou ao trabalho nos colégios, abriu-se para as necessidades da inspetoria para o ensino superior, quer como docente ou como dirigente, numa época de mudança de atitudes e de parâmetros perante o ensino universitário. Permaneceu fiel às suas características de dedicação, de assumir tudo como desafio, de entusiasmar-se com novas metas, de estar ao lado dos jovens, de saber se relacionar com todos na liberdade da honestidade, da limpidez dos princípios e, como bom mineiro, com humor finório e sagacidade. Aliás, ao lado do gosto pelos desafios, da honestidade nas relações, a astúcia era o condimento de suas atitudes com todos. Talvez até seu interior tenha ficado um pouco obscurecido como expressão vital de seus sentimentos devido a essa atenção contínua para o jogo da vida sempre assumido com astúcia. Essa atitude é uma espécie de resultado de sua entrega aos princípios do sistema preventivo, ou seja, não se deixar levar por falta de previsão ou de planejamento, de capacidade de antever o fluir dos percursos planejados. Como bom assistente incorporou as previsões possíveis do comportamento dos jovens, e, na maturidade, das pessoas com que convivia ou com quem se relacionava pedagógica ou administrativamente.

Esse conjunto de posturas esteve sempre alicerçado numa contínua e já natural autodisciplina traduzida no gosto pela leitura, pela reflexão e confrontação intelectual. Não sabia ficar sem

ler ou refletir longamente sobre os assuntos que lhe ocupavam a mente como professor, administrador ou como conselheiro espiritual. Tinha a pachorra de se organizar em suas reflexões por temas previamente escolhidos.

Assim, no último período de sua vida, ao se dedicar ao estudo do Direito Canônico e da Teologia, soube expandir os conhecimentos por estudos e por uma experiência de vida enriquecida por tantos e tantos anos de reflexão e compreensão da vida em si. Essa segurança tinha uma ligação estreita e fundamental com seu estudo da Sagrada Escritura. Então seu ritmo de vida abriu-se mais para auxiliar aos senhores bispos em seu ministério oficial, mas nem sempre encontrou eco nos prelados para suas idéias de bom governo e exercício do múnus episcopal em prol dos fiéis a partir do direito canônico.

Estar ao lado dos professores de teologia trouxe-lhe a visão do trabalho evangelizador da igreja, das prementes necessidades a serem tratadas neste tempo de reflexão do estudo da teologia para os futuros presbíteros pastores. Nesse tempo, a sua idade lhe ofereceu um amplo horizonte de compreensão que talvez não tivesse atingido tamanha dimensão de grandiosidade se não lhe fosse concedido esse tempo de reflexão. Abriam-se o horizonte da vida e as visões teológicas aliadas ao estudo das Sagradas Escrituras. Amadureceu-se no Pe. Antônio uma compreensão muito grande da misericórdia de Deus em relação ao mundo e ao homem. Em estado de plenitude tornou-se um apreciado conselheiro espiritual ou orientador espiritual. Sua correspondência ao estudo e à iluminação da graça ofereceu-lhe uma compreensão maior de tudo e de todos. Quem conheceu de perto o Pe. Antônio dos primeiros tempos e esta pessoa em estado de plenitude contida poderia estranhar muito. Mas quem viu seu desabrochar, reconhecia que era patente o que a graça de Deus realizara em sua pessoa.

## **7 – Pe. Antônio Secundino - salesiano autêntico através dos tempos**

Desde sua entrada para a Congregação, no colégio salesiano de Silvânia, a atitude do Pe. Antônio foi uma só: fidelidade a D. Bosco na congregação, na inspetoria. De uma forma ou de outra, conheceu, assimilou e fez dos traços do carisma salesiano a particularidade de sua entrega a Jesus Cristo. Uma convivência com as primeiras gerações de salesianos que fundaram a inspetoria e a convivência com aqueles salesianos que retratavam a beleza da salesianidade em Turim durante seus quatro anos de estudo da teologia garantiram-lhe a genuinidade do espírito salesiano como interpretação do caminho da santidade. Contribuiu para isso a maestria de alguns salesianos de quem foi admirador: Pe. Néelson Pombo, Pe. Francisco Czapla, Pe. Pietro Ricaldone, Pe. Brocardo e outros por sua capacidade de estarem sempre alegres.

Mais tarde, perante a proposta da renovação das expressões culturais do carisma salesiano, ao freqüentar as longas horas de estudo durante o Capítulo Geral Especial, tentou confrontar a salesianidade com os novos tempos. Dentro de seu padrão de honestidade histórica e cultural, estudou com afinco as várias faces da vida de D. Bosco e as expressões da salesianidade durante as épocas. Tudo fez com amor e carinho para expressar e concretizar sua fidelidade à salesianidade; em geral seus estudos passaram por fontes históricas mais que por grandes elaborações teóricas sobre a salesianidade. Gosto, apreço e amor estavam presentes em suas posturas de fidelidade à congregação; expressou sempre com muita gratidão a oportunidade que teve de estudar em Turim, berço da congregação, de ter tido contato com os lugares históricos da vida de D. Bosco, de ter visto a matriz da congregação muito forte e intensa de salesianidade. Assim se construíram as referências de sua vida salesiana, de suas manifestações de apreço por D. Bosco, pela congregação. A maneira mais concreta de expressar e dizer aos novos salesianos que amou muito a congregação estava muito presente em suas pesquisas e roteiros de aulas da História da Igreja em Mato Grosso e na História de nossa inspetoria.

A cada época, aprofundando suas reflexões, cristalizava uma melhor visão do trabalho salesiano e da força da presença salesiana neste vasto território da Inspeção de Campo Grande.

Essa dedicação passou por confronto com a vida salesiana expressa em outras inspeções, em particular em relação a de São Paulo. Essa postura esteve presente até sua permanência no estudantado de Teologia Lapa-SP. Também por outra temática presente, como a da inculturação, deste tempo em diante seu pensamento voltou-se exclusivamente para registrar a pujança da vida salesiana na inspeção de Campo Grande. Soube reconhecer que a internacionalidade de tantos missionários de diversas partes da Europa e das Américas veio beneficiar a construção da identidade missionária especial dessa inspeção. Incluiu neste passo a solidificação intelectual da inspeção quando foi diretor geral da FUCMT e, antevendo o que seria a UCDB, incluiu o ensino superior como expressão modelar histórica de nossa salesianidade; o discurso mudara para tentar oferecer a história da inspeção como fundamento dessa realidade adulta como expressão do carisma missionário de D. Bosco.

Todos os seus dons pessoais oriundos de sua casa, de sua família, de sua formação na década de trinta e quarenta unificaram-se pela assunção dos valores salesianos que nele frutificaram, e muito. Assim, se a fidelidade e a finoriedade mineiras combinaram com os valores salesianos da simplicidade e "furbícia", da dedicação, outros valores salesianos ganharam relevo em sua vida: trabalho, persistência, audácia, coragem, perseverança, empreendedorismo e gosto pelos desafios.

Mas a melhor e mais profunda junção de valores que aconteceu na vida do Pe. Antônio foi a capacidade de criar motivos de rir em qualquer situação, ou de desdramatizar a vida, ou ainda de mostrar uma hilaridade inteligente perante as situações, mesmo que essa atitude levasse algum irmão a se sentir o alvo de suas brincadeiras para boas risadas com a alegria salesiana. Uma se juntou à outra para lhe determinar uma constante postura perante a vida sem deixar-se levar por qualquer situação dramática ao mesmo tempo em que a alegria salesiana

exaltou a vida como dom e expressão da presença de Deus. Por meio dessa união, jamais se percebeu ou se teve notícia de que o Pe. Antônio estivesse alguma vez triste. Somente gostava de se mostrar meio sisudo quando estava refletindo sobre algum tema, quando procurava a melhor expressão para uma teoria ou para um questionamento mais profundo. Normalmente sempre foi muito alegre e não perdeu oportunidade alguma para pregar peças em alguém, de modo especial em sua irmã que é freira, ou mesmo em alguns salesianos que não se ofendiam com tais brincadeiras.

No final de sua vida a alegria lhe era mais natural por sua serenidade e por sua abertura à presença da graça com dom de uma vida agradável e realizada, como uma vida em estado de contínua abertura para Deus. Na expressão salesiana afirmaria que expressava a alegria da graça da unidade, ou estava continuamente imerso no amor da vida habitada pela graça, pela presença compassiva da misericórdia de Deus. Essa postura final de sua vida tornou-o muito querido e estimado, muito sincero e verdadeiro em suas afirmações. Talvez estivesse realizando sua verdadeira confissão geral, "confessio laudis" antes de ir em definitivo para a casa do Pai.

Soube expressar os valores salesianos de acordo com as épocas. Se antes trabalhava o tempo todo nos colégios de internato, se antes se dedicava com muito carinho à administração de uma casa, se antes se dedicava ao estudo como expressão do cumprimento do dever, quando já ancião não deixava qualquer coisa sem resposta, mesmo estando livre para atender as pessoas e viajar bastante. Soube assim se fazer presente em muitos lugares e oportunidades, desfrutando de uma liberdade que os tempos de trabalho que exigiam sua presença contínua não lhe permitiram no passado. Nessa época, sentia-se muito à vontade e livre para viajar com os leigos das Equipes de Nossa Senhora.

Nesse sentido exerceu sua paternidade espiritual na orientação espiritual de tantos casais e pessoas que dele se aproximaram, como alguns ex-alunos de seu tempo de assistente dos maiores do Colégio D. Bosco.

Trabalhou muito e sempre esteve atento às necessidades das pessoas; alegria e trabalho ou presença na comunidade foram os destaques de seu último dia de vida, 19 de março, dia de seu santo padroeiro.

## **8 – Pe. Antônio Secundino e a História da Inspetoria**

Como salesiano de origem brasileira, juntamente com o Pe. Pedro Alves Ferreira, seu grande amigo e contemporâneo, Pe. Antônio representa a segunda geração de vocações da inspetoria. Se a primeiríssima geração de salesianos de origem brasileira está representada por D. Aquino, Pe. Armindo de Oliveira, Pe. Luís Zeferino e logo a seguir pelos irmãos Pe. Néelson e Raimundo Pombo que conviveram com os fundadores da inspetoria; Pe. Antônio e Pe. Pedro conviveram com uma nova refundação da Inspetoria marcada pelas ações fortes e empreendedoras do Inspetor Pe. Ernesto Carletti. Viu a inspetoria se animar e revitalizar com um grupo de salesianos novos vindos da Europa para concretizarem as idéias de expansão que o Pe. Carletti tinha em mente.

Esses anos gloriosos e animadores de crescimento para a inspetoria ofereceram ao Pe. Antônio uma visão otimista da vida salesiana e do futuro da presença salesiana em Mato Grosso e Oeste de S. Paulo. A história colocou Pe. Carletti em Mato Grosso e ele aceitou um colégio em Silvânia. Para lá se dirigiu o adolescente Antônio Secundino que foi tomar parte nessa vida de tempos gloriosos para a presença salesiana em Mato Grosso. A história lhe foi generosa, ofereceu-lhe um período de tempo forte e expansionista na inspetoria. Dessa época até agora, Pe. Antônio, juntamente com o Pe. Pedro, representaram em suas vidas os resultados desse entusiasmo pela causa de D. Bosco, de modo especial sendo os portadores do espírito desse tempo como certeza de uma presença gloriosa para a igreja. Viu também a inspetoria encolher com o fechamento da obra salesiana em Palmeiras, em Ponta Porã, em Aquidauana, assim como a saída dos salesianos de Silvânia e Goiânia.

Quando se tratou de escolher entre permanecer na inspetoria de Campo Grande ou ir para a inspetoria de Minas Gerais

por ocasião da entrega dos colégios de Silvânia e Goiânia, ele o Pe. Pedro não titubearam e escolheram a inspetoria de Mato Grosso, pois era a sua origem e fonte de salesianidade.

Dessa forma os dois representaram por muito tempo uma geração de salesianos brasileiros que conferiam identidade especial ao modo de ser salesiano autóctone.

Pe. Antônio assumiu sempre esse papel em relação às novas gerações de salesianos. Trabalhou muito quando padre jovem pelas vocações de jovens brasileiros e para fundar grupos de cooperadores. Mais tarde deixou esse tipo de trabalho para outros salesianos, em especial ao finado Pe. José Motta.

Mas não abandonou sua dedicação na formação dos novos salesianos. Dessa forma terminou com exímio confessor e professor dos noviços. Soube transmitir a força pedagógica e santificadora do espírito salesiano. Não teve outra expressão vital que a desses traços calcados nos valores da espiritualidade salesiana. Deu exemplo de dedicação e devoção para com a congregação salesiana e todas as suas iniciativas tinham esse intento como finalidade bem clara.

A história da inspetoria está fechando uma etapa gloriosa de sua história com o falecimento deste irmão. Ao lado dele outros souberam registrar a inculturação do carisma neste território, mas o Pe. Antônio teve a característica especial de ser natural desta terra, brasileiro que se realizou na entrega ao caminho de santificação salesiano. Ele teve consciência da importância de tudo o que fez para transmitir a genuinidade dessa tradição salesiana e do poder de adaptação ou inculturação do carisma. Além disso, testemunhou os sonhos do próprio D. Bosco com a própria vida, sendo confiante e fiel ao coração inundado dos valores da vida salesiana, cujas expressões mais comuns foram a alegria, a paz e a dedicação ao dever.

Dessa forma a inspetoria foi engrandecida em sua pessoa, por suas atividades e por seu espírito tipicamente salesiano. Testemunhou muito bem no transcurso de sua vida, de forma muito clara e salesianamente, a história desta inspetoria.

## **9 – Pe. Antônio, um salesiano verdadeiro identificado com a nossa inspetoria**

Como fecho de tudo o que se escreveu aqui sobre o Pe. Antônio Secundino, cito trechos das homilias da comemoração jubilar de seu sacerdócio:

“Felizes os que podem celebrar a vida em estado de construção e conscientização; porém, mais felizes ainda aqueles que puderam celebrar a vida em estado pleno vocacional. Assim deve ser esta celebração dos 50 anos de sacerdócio do Pe. Antônio Secundino de Castro.”

A história de sua vida testemunhou que sua vocação sacerdotal foi a expressão mais condizente e coerente com seu construto pessoal, com seu campo de exercício da liberdade. Não há o que questionar ou posicionar no campo do possível pelo vivido, o passado não vai admitir variáveis que lhe contestem o real do acontecido e assumido. Também não se concebe o passado como construção imperativa de uma possibilidade que se tivesse manifestado como única. Mas um passado assumido e vivido na liberdade da escolha criteriosa e desejosa em si como percurso eleito entre outros não deixará usurpar a marca da originalidade com que se construiu e com as prerrogativas que se impuseram para o sucesso desta escolha. Uma vocação que se torna história não permite alternativa, pois o sucedido não tem a ambigüidade de outro suceder, uma vez que a vida atualizou-se em tantas ações e posturas que se cristalizaram em irrevogáveis passos daquele presente contínuo que hoje é passado e passado histórico”. Assim foi a realização vocacional do Pe. Antônio Secundino de Castro.

Entre os valores assinalados em sua biografia cumpre repetir o que foi proclamado na conclusão da homilia da celebração eucarística jubilar de seu sacerdócio:

“Devo assinalar que sua evolução teológica, seu aprofundamento no mistério de Deus, seu apreço apurado pelo carisma salesiano oferecem-lhe a satisfação e o gozo de um aprofundamento na intimidade consigo e com Deus. Sua vida transparece a firmeza de sempre, mas o coração inundado pelo amor de

Deus transborda de carinho paterno de Bom Pastor no estilo genuinamente salesiano como sempre foi a sua bandeira. Jamais imagináramos que o percurso de sua vida lhe oferecesse desde agora uma tão acentuada vivência da presença de Deus transbordante na palavra carinhosa e no refúgio de um estar sempre em atitude de presença e de amor para com a vida, para com todos. A alegria que se manifesta a partir de sua pessoa, alternada por momentos de silenciosa concentração, marca a salesianidade da juventude na modalidade de hoje tão familiar, que desconhece barreiras, tudo está centrado no amor de Deus e na alegria de viver exuberantemente, pois Ele está sempre conosco.

Queria ter voz "canora e altissonante" para revelar todas as grandezas que sua pessoa trouxe para inúmeros alunos, sacerdotes, irmãos salesianos e agora para as famílias, para os noviços... para proclamar a todos os presentes como a sua grandeza de pessoa auxiliou a construção de tantos outros, como sua atenção de bom salesiano povoou a fantasia e suscitou sempre horizontes generosos e vitoriosos. Somente a graça de Deus pôde alimentar um coração grandioso e generoso, salesianamente exultante para uma atividade tão simples e coerente.

Na vida de D. Bosco sabemos de sua missa na igreja do Sacro Cuore, em Roma, quando, ao constatar a presença atuante da graça e de Maria em sua vida, pôde ver a grandeza de seus sonhos já concretizados... chorou tantas vezes como expressão de sua gratidão ao Pai. Hoje sua vida se transforme em uma perene sinfonia de todos os sentimentos desconhecidos para inebriar-lhe a alma de pura alegria salesiana, pois o Senhor e nós podemos contemplar tantos de seus sonhos concretizados...

Exulta de alegria Pe. Antônio Secundino de Castro, pois hoje celebramos a alegria de sua alma abençoada, oferecemos ao Pai tantas preces de gratidão. Juntamos nossa presença à sua voz para um louvor uníssono a Deus pela vida que se fez fecunda e bela em sua pessoa. "(Homilia na missa dos 50 anos de sacerdote)".

Para resumir os traços fortes de sua vida salesiana aparecem as afirmações finais da homilia de sua missa de exéquias:

“Outro traço bem marcante de sua vida foi sua devoção a D. Bosco, à Congregação e a Nossa Senhora Auxiliadora. Tudo o que manifestasse apreço e piedade tipicamente salesianas encontrou em sua pessoa uma acolhida especial. Viveu em sua formação o auge de um tempo em que viver as tradições salesianas inauguradas por D. Bosco era o cunho, o sinete da fidelidade à congregação. Assim ele se posicionou até que a cultura exigisse de todos novas posturas. Dessa forma, ele, ao participar do Capítulo Geral Especial em Roma, contribuiu para traçar novas modalidades de atualização do carisma. Mas o sabor da casa natal, do berço salesiano sempre esteve presente em sua simplicidade. Tornou-se grande conhecedor da Congregação, de nossa inspetoria, da igreja em Mato Grosso, da vida de D. Bosco para poder nos oferecer uma expressão atual da vida salesiana e da igreja, de forma muito significativa e expressão de uma fidelidade insuspeita. Tudo em sua postura transparecia salesianidade. Para coarçar essa sua característica vital, no final do nosso capítulo inspetorial, ao lado das moções capitulares pedindo para assumirmos outras paróquias no norte do Mato Grosso, ele lançou para todos nós um desafio que a assembléia aceitou na ocasião com muito entusiasmo: “Edifiquemos na inspetoria um centro de estudos salesianos – de salesianidade – com o nosso rosto!” Essa moção muito bem expressa sintetiza seu amor à inspetoria e à congregação. Tornou-se assim um salesiano símbolo de nosso peculiar modo de ser salesiano nesta gloriosa inspetoria missionária.

Campo Grande, 04 de junho de 2005  
Pe. Afonso de Castro – Inspetor

### **Dados para o necrológio**

Pe. Antonio Secundino de Castro – SDB

☆ Delfinópolis/MG: 02.02.1920

✠ Indápolis (Dourados)/MS: 20.03.2005

Aos 85 anos de idade

53 anos de sacerdócio

63 anos de profissão religiosa.